CÂMARA MUNICIPAL
- MOCOCA -
PROTOCOLO
NÚMERO 1257 | DATA 05.07.19 | RÚBRICA

Câmara Municipal de Mococa
PODER LEGISLATIVO

PROJETO DE LEI Nº 019, DE 05 DE JULHO DE 2019

Denomina de Rua Marielle Franco a Rua de Acesso 2, localizada no Loteamento "Pôr do Sol I e II".

FAÇO SABER, que a Câmara Municipal de Mococa, em sessão realizada no dia ____ de _____ de 2019, aprovou Projeto de Lei nº 019/2019, de autoria do Vereador Aloysio Taliberti Filho, e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica denominada de **Rua Marielle Franco** a Rua de Acesso 2, localizada no Loteamento "Pôr do Sol I e II".

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Plenário Venerando Ribeiro da Silva, 05 de julho de 2019.

ALOYSIO TALIBERTI FILHO
Vereador

APROVADO
Em 1ª Discussão por 14FJA
Sessão 05 / 08 / 2019
Elias de Sisto
PRESIDENTE

APROVADO
Em 2ª Discussão por 14FJA
Sessão 05 / 08 / 2019
Elias de Sisto
PRESIDENTE

WIKIPÉDIA

Assassinato de Marielle Franco

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

O **assassinato de Marielle Franco**, vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL, foi um crime executado no dia 14 de março de 2018, no Estácio, região central da cidade. Os criminosos estavam em um carro que emparelhou com o da vereadora e efetuaram vários disparos, que também mataram o motorista. Embora em fase inicial, a investigação conduzida pelas autoridades aponta para motivações políticas.[1]

Assassinato de Marielle Franco



Velório realizado no Palácio Pedro Ernesto

Local	Estácio, Rio de Janeiro, Brasil
Coordenadas	22° 54' 42" S 43° 11' 6" O
Data	14 de março de 2018 21h30min (UTC-3)
Alvo(s)	Marielle Franco Anderson Gomes
Mortes	2
Feridos	1
Responsável(is)	Autoria desconhecida

Índice

Descrição do crime

Investigação
Prisões

Repercussão

Ver também

Referências

Descrição do crime

Marielle chegou à Casa das Pretas, na rua dos Inválidos, na Lapa, para mediar um debate promovido pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) com jovens negras, por volta das dezenove horas. Segundo imagens obtidas pela polícia, um Cobalt com placa de Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, estava parado próximo ao local. Por volta das vinte e uma horas, Marielle deixou a Casa das Pretas com uma assessora e um motorista, sendo logo seguida por um Cobalt. Por volta das vinte e uma horas e trinta minutos, na Rua Joaquim Paralhes, no Estácio, um veículo emparelha com o carro de Marielle e faz treze disparos. Nove acertam a lataria e quatro acertam o vidro. A vereadora foi atingida por três tiros na cabeça e um no pescoço[2] e o motorista levou ao menos três tiros nas costas,

causando a morte de ambos. A assessora foi atingida por estilhaços, levada a um hospital e liberada. A polícia declarou acreditar que o carro dela foi perseguido por cerca de quatro quilômetros. Os executores fugiram do local sem levar quaisquer bens.[3]

Investigação

Imagens retiradas de câmeras locais revelaram que um segundo veículo possivelmente teria dado cobertura aos criminosos que dispararam os tiros. Além disso, outras imagens mostraram dois homens parados dentro de um veículo, por duas horas, no local de um evento de que a vereadora participou logo antes. Segundo a polícia, a munição utilizada, de calibre 9 mm, não pode ser vendida a civis em geral. A TV Globo informou que a munição pertencia a um lote vendido à Polícia Federal, fato confirmado pela Polícia Civil.[4][5] Os investigadores acreditavam que a vereadora foi seguida desde o evento da Lapa, por quatro quilômetros, até passar por um local d menor tráfego, onde se deu o ataque.[4]

O delegado Rivaldo Barbosa, Chefe da Polícia Civil, trabalhava com a hipótese de execução, visto que os pertences dos passageiros não foram levados pelos atiradores e que a vereadora era militante de comunidades carentes, tendo sido ativa na defesa dos direitos humanos dos moradores dessas localidades, principalmente negros e mulheres, havendo mesmo denunciado mortes praticadas por policiais. No sábado anterior ao crime, Marielle denunciara o 41º Batalhão da Polícia Militar, de Acari, que fora apontado pelo Instituto de Segurança Pública como o mais mortífero dos cinco anos anteriores.[6]

A perícia descobriu que as munições de calibre 9 mm que mataram a vereadora carioca eram do mesmo lote de parte dos projéteis utilizados na maior chacina do estado de São Paulo. Os assassinatos de dezessete pessoas ocorreram em Barueri e Osasco, na Grande São Paulo, em 13 d agosto de 2015, e três policiais militares e um guarda civil foram condenados pelas mortes. Segundo a Polícia Civil do Rio de Janeiro, esse lote fora vendido à Polícia Federal de Brasília pela empresa Companhia Brasileira de Cartuchos, no dia 29 de dezembro de 2006. A análise técnica também revelou que a munição era original, isto é, ela não foi recarregada porque a espoleta, que provoca o disparo do projétil, era original. A PF abriu um inquérito para apurar a origem das munições e como elas chegaram ao Rio de Janeiro.[7]

O Ministro Extraordinário da Segurança Pública, Raul Jungmann, afirmou que a munição foi roubada da sede dos Correios na Paraíba, anos antes. Fontes da PF disseram que o lote com dois milhões de cápsulas foi amplamente distribuído entre as unidades da corporação e que as unidades de São Paulo e do Distrito Federal receberam a maior quantidade, mais de duzentas mil cápsulas cada uma. Além disto, o ministro disse que a PF já designara um especialista em impressões digitais e DNA para fazer o exame da munição, e confrontaria os resultados com seu banco de dados, a fim de descobrir a autoria do crime.[8][9][10]

Em 18 de março, a polícia recebeu uma denúncia anônima e descobriu, em Minas Gerais, um carro que poderia ter sido usado no assassinato da vereadora. A suspeita era de que o carro, com placas do Rio de Janeiro, teria sido abandonado no dia 15, mas, como a denúncia só chegara até a polícia no sábado, o veículo foi apreendido por volta das 21h desse dia. Ainda, a TV Globo divulgou novas imagens, nas quais se pode ver o carro branco, onde estava Marielle, passando e sendo seguido por dois veículos de cor prata. A polícia investiga também a hipótese de que os assassinos de Marielle tenham monitorado a vereadora pelas redes sociais, visto que ela fez uma convocação na Internet um dia antes do evento da Rua dos Inválidos, de onde saiu antes de ser assassinada.[11]

Em 1º de abril, o jornal *O Globo* publicou uma matéria na qual duas testemunhas, que não foram ouvidas pela polícia, deram detalhes sobre a cena do crime. Os jornalistas ouviram separadamente as duas testemunhas, tendo obtido versões semelhantes. Elas disseram que o carro dos assassinos imprensou o veículo que conduzia Marielle, quase subindo na calçada. Ao contrário das imagens de câmera, essas pessoas só viram um carro no cenário. Ainda conforme o relato, um homem negro estava no banco de trás e estendeu o braço para fora, portando uma arma de cano longo, com um dispositivo que parecia um silenciador. Então o carro deu uma guinada e fugiu pela rua Joaquim Palhares, não pela rua João Paulo Primeiro, como suspeitava a polícia. As testemunhas afirmaram que os policiais militares as mandaram se afastar do local do assassinato, sem ouvi-las. A *GloboNews* questionou a Policia Civil a respeito da atitude de não ouvir as testemunhas, mas não recebeu uma resposta da corporação. Entretanto, um investigador declarou ao jornal que os projetos da vereadora estavam sob análise e que se consideravam as pautas geradoras de conflitos com certos grupos, incluindo os milicianos. Na semana anterior, o Secretário de Segurança do Rio de Janeiro, General Richard Nunes, admitiu que era inegável a motivação política no crime.[12]

Em 10 de abril, os investigadores responsáveis pelo caso encontraram digitais em fragmentos parciais das cápsulas de 9 mm utilizadas no assassinato. As cápsulas foram encontradas na esquina das ruas João Paulo I e Joaquim Palhares, no Estácio, onde aconteceu o ataque. Oito cápsulas eram do mesmo lote vendido pela Companhia Brasileira de Cartuchos para o Departamento da Polícia Federal em Brasília e distribuído para todo o país. A nona cápsula fazia parte de um carregamento importado, e, de acordo com os investigadores, tinha características especiais, semelhantes às de um projétil disparado em um homicídio que ocorreu em outro ponto da região metropolitana do estado. As digitais estavam fragmentadas, o que dificultaria o confronto com as digitais armazenadas nos bancos de dados das polícias civil e federal, mas ainda seria possível a comparação com as digitais de suspeitos do crime.[13]

Em 6 de maio, a RecordTV exibe reportagem que aponta erros na investigação. A emissora divulgou que o carro usado pelas vítimas foi abandonado no pátio da delegacia de homicídios por 40 dias sem que todos as avaliações e exames estivessem completos. Segundo a reportagem, os corpos da vereadora e do motorista não passaram por exames de raio-x, uma vez que o Estado não tinha o equipamento. A TV também antecipou - o que seria dias depois confirmado pela Polícia - que Marielle e Anderon não foram mortos por uma pistola como achavam os investigadores, mas

sim por uma submetralhadora HK MP5, que não são facilmente apreendidas com criminosos, sendo de uso de tropas de elite. A Record também lembrou que as câmeras da Prefeitura na rua onde ocorreu o crime foram desligadas dias antes do duplo homicídio. Alegando sigilo, autoridades e órgãos oficiais não quiseram comentar a reportagem.[14][15]

Em 8 de maio, uma testemunha disse à polícia que o vereador Marcello Siciliano e o ex-policial militar Orlando Oliveira de Araújo queriam a morte da vereadora Marielle Franco. Conforme a testemunha, a motivação seriam as ações comunitárias de Marielle em áreas de interesse da milícia na Zona Oeste. A informação foi veiculada pelo jornal *O Globo*, segundo o qual a testemunha afirmou que foi forçada a trabalhar para Orlando e contou em detalhes todo o planejamento da execução. A pessoa citada como testemunha relatou que esteve presente nas reuniões ocorridas entre Orlando e Siciliano, desde junho de 2017. Ainda conforme o relato, Orlando teria dito numa reunião que a vereadora o atrapalhava e comentado com Siciliano que a situação precisava ser resolvida logo. Em três depoimentos, a testemunha informou datas, horários e reuniões entre os dois homens, além de fornecer os nomes de quatro homens escolhidos para o assassinato, que passaram a ser investigados pela polícia. A ordem do assassinato teria sido dada de dentro da cela da penitenciária Bangu 9, onde Siciliano estava preso.[16]

Em 11 de maio, a polícia fez a reconstituição do crime, que tomou cinco horas entre a noite e a madrugada. O objetivo foi reproduzir o momento em que os assassinos dispararam contra o carro onde estavam Marielle e Anderson, efetuando disparos com armas e munições reais, a fim de que as testemunhas reconhecessem o barulho da arma usada no crime. A conclusão da polícia foi que os assassinos usaram uma submetralhadora MP5, uma arma capaz de disparar oitocentos tiros por minuto. Quatro testemunhas participaram da simulação do crime, incluindo a assessora parlamentar de Marielle Franco, que foi a única sobrevivente e se mudou para fora do Brasil logo depois do assassinato da vereadora.[17]

Em outubro, houve um avanço na investigação. O Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) anunciou que o uso da tecnologia de informação permitiu a identificação do biótipo do atirador. Além disso, a análise de imagens descobriu outros locais por onde passou o carro dos executores. O Ministério não precisou essas informações publicamente, mas a família da vereadora foi comunicada. Os promotores também visitaram o preso Orlando Curicica e a Procuradora-Geral da República, Raquel Dodge, remeteu ao MPRJ o depoimento prestado por aquele aos procuradores da República, cujo conteúdo também não foi revelado para manter o sigilo das investigações, que era uma preocupação de todas as autoridades envolvidas nessas atividades.[18]

Em 3 de julho de 2019, a Polícia Civil e a Marinha articularam uma operação para encontrar as armas que teriam sido usadas no crime. A suspeita teve origem no depoimento de um barqueiro da região do Quebra-Mar, na Barra, segundo o qual um homem, mais tarde identificado como Márcio Montavano, o Márcio Gordo - que teria retirado as armas de endereços ligados ao policial militar reformado Ronnie Lessa, apontado como o autor do crime - o contratou para um passeio

até as Ilhas Tijucas, para a prática de pesca submarina. Segundo a polícia, além de Márcio, participaram da ação a mulher de Lessa, Elaine, o irmão dela, Bruno, e um homem chamado Josinaldo. Conforme o depoimento do barqueiro, o contratante colocou no barco uma caixa de papelão pesada, dentro da qual havia caixas menores, e uma mala de viagem. Então o homem abriu a mala, tirou seis fuzis e jogou as armas e a caixa ao mar. Depois ele deu trezentos reais ao barqueiro para pagar o transporte, chamou um táxi e foi embora. A polícia sabia que se tratava de um amigo de Lessa.[19]

Prisões

Em 30 de maio de 2018, a polícia prendeu Thiago Bruno Mendonça, conhecido como "Thiago Macaco", que era acusado de matar Carlos Alexandre Pereira Maria, "O Cabeça", um colaborador do vereador Marcello Siciliano. Thiago Macaco também é citado no depoimento de um ex-miliciano apontado uma testemunha-chave do caso. Segundo a fonte, Thiago seria ligado a Orlando de Curicica, chefe da milícia da Boiúna, atualmente preso. Os dois teriam participado do assassinato da parlamentar, que estaria atrapalhando os negócios do grupo paramilitar na Zona Oeste. Esses negócios também interessariam a Siciliano, que negava as acusações. A testemunha ainda relatou que Thiago Macaco teria sido responsável pela clonagem do Cobalt prata, que foi usado pelos assassinos para cometer o crime. Os agentes já haviam cumprido a prisão temporária de Rondinele de Jesus Da Silva, "O Roni", ocorrido no dia 19 de maio, pelo mesmo delito.[20]

Em 24 de julho de 2018, a polícia prendeu o ex-policial Alan Nogueira, conhecido como Cachorro Louco, e o ex-bombeiro Luís Cláudio Barbosa. Ambos foram denunciados por um delator premiado, que também os envolveu em um caso de duplo homicídio. Eles foram apontados como integrantes do grupo do miliciano Orlando Oliveira de Araújo, conhecido como Orlando da Curicica, que atua na Zona Oeste da cidade. O duplo assassinato teria sido cometido no sítio de propriedade de Orlando. Um policial militar e um ex-policial militar também integrantes da milícia, segundo a polícia, foram assassinados com tiros na cabeça, por traição. Depois, tiveram os corpos carbonizados. O delegado disse que não podia ainda relacionar os dois à execução da vereadora e que a investigação prosseguia em sigilo. A milícia citada controla, além da Curirica, as regiões da Taquara, da Vargem Pequena, da Vargem Grande e do Terreirão. As atividades dos milicianos são extorsão de comerciantes e moradores, a exemplo da cobrança de taxas pela venda de gás e água mineral, e controle de pontos de caça-níqueis.[21]

Os primeiros mandados de prisão foram expedidos a partir de 13 de dezembro de 2018. Policiais civis da divisão de homicídios executaram quinze mandados no estado do Rio de Janeiro e fora deste, todos dirigidos contra milicianos. Em Angra dos Reis, no Morro da Constância, durante o cumprimento de um desses mandados, a equipe foi encurralada por criminosos. Segundo informação oficial, os agentes ficaram sob forte ameaça, em local de vulnerabilidade e intensa situação de risco, sendo resgatados em ação das polícias civil e militar. Os mandados fizeram parte de um inquérito ligado ao assassinato da vereadora, mas conduzido de forma paralela. Nesse momento, haviam transcorrido nove meses desde o crime.[22]

Em 22 de janeiro de 2019, a polícia prendeu o major da Polícia Militar Ronald Paulo Alves Pereira, por suspeita de envolvimento no assassinato. Além disso, ele seria julgado no caso da Chacina da Via Show, no qual quatro jovens foram executados por policiais militares. O major estava com o processo suspenso, mas este foi reaberto. Conforme a informação oficial, ele vinha sendo investigado com base em suspeita de integrar a cúpula do chamado Escritório do Crime. Ele também foi denunciado por comandar negócios ilegais, como grilagem de terra e agiotagem.[23]

Em 12 de março de 2019, a polícia prendeu dois policiais militares suspeitos de participação no assassinato. Os mandados de prisão preventiva foram executados contra o sargento reformado da Polícia Militar Ronnie Lessa, de 48 anos, e Elcio Vieira de Queiroz, que já fora expulso da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Segundo a denúncia do Ministério Público, que atuou conjuntamente com a polícia, Lessa teria sido o autor dos disparos que mataram Marielle e Queiroz teria sido o condutor do veículo usado no crime. Ainda conforme o MP, o crime teria sido meticulosamente planejado, com três meses de antecedência.[24]

Em 31 de maio, a polícia prendeu Rafael Carvalho Guimarães e Eduardo Almeida Nunes, que eram investigados pela possível clonagem do carro Cobalt, usado no assassinato da vereadora. As prisões foram parte da Operação Entourage, a qual teve como alvo a milícia de Orlando Curicica, que dominava regiões da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Segundo a polícia, a função dos dois na organização de Curicica era clonar carros para que a quadrilha pudesse se movimentar a fim de praticar crimes sem chamar a atenção. Além disso, foi preso o policial militar Rodrigo Jorge Ferreira, o Ferreirinha, acusado de obstruir as investigações do crime. A operação contou com trezentos policiais e oito pessoas foram presas. A hipótese de que Curicica tenha sido um dos mandantes do crime se fortaleceu. Os crimes praticados pela organização, muito bem estruturada, eram, em sua maioria, feitos com o uso de violência, incluindo execução de testemunhas e tentativas de homicídio de autoridades responsáveis pelas investigações.[25]

Repercussão

Roberto Romano, filósofo e professor de Ética da Unicamp, disse que o crime foi um indicativo de fragilidade das instituições democráticas no Brasil, alertando para uma suposta ameaça de retorno da ditadura militar, dada a aproximação entre o Estado democrático e o Estado de exceção no país. Ainda, comparou o caso ao assassinato da missionária americana Dorothy Stang em 2005, no Pará, o que revelaria as lacunas dos avanços da promoção dos direitos humanos no Brasil. O filósofo acreditava que o episódio deveria promover uma mudança no tratamento da crise de segurança, com medidas de médio e longo prazo, como a melhora da educação e políticas de redução da desigualdade social no país, no que ele não acreditava, dado o tratamento do caso pelo governo federal.[26]

Todos os presidenciáveis rapidamente emitiram pareceres, pesares e condolências às famílias das vítimas, à exceção de Jair Bolsonaro,[27] que estava impossibilitado de falar por conta de uma intoxicação alimentar, isto seguindo a assessoria de imprensa do deputado, contudo a mesma

também informou que a opinião dele seria vista como "polêmica", e, por isso, o político preferiria não se manifestar.[28] Em 20 de março, declarou publicamente que manteria seu silêncio, criticando o silêncio seletivo de outros políticos e chamando atenção para a falta de segurança pública no Rio.[29]

A Procuradora-Geral da República, Raquel Dodge, afirmou que o seu gabinete estava empenhado na investigação do assassinato, por meio do monitoramento das investigações e da avaliação de federalização do caso. Para ela, um atentado contra líderes políticos e a corrupção são exemplos de atentado à democracia e o nível de impunidade ainda era elevado no país. Dodge esteve no Rio de Janeiro no dia 15 de março, onde participou de uma reunião para acompanhar os trabalhos de investigação do crime.[30]

Wikimedia | © OpenStreetMap

Mapa de protestos no Brasil contra o assassinato de Marielle Franco. Clique no mapa para ampliá-lo e nos pontos para ver mais detalhes.



Um manifestante segurando um cartaz para homenagear Marielle em sessão solene na Câmara dos Deputados, em 15 de março de 2018.

O Presidente Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, Claudio Lamachia, emitiu uma nota no dia 15 de março, na qual denunciou o assassinato como um crime contra toda a sociedade e uma ofensa direta aos valores do Estado Democrático de Direito. Apontou ainda que o Conselho Federal da Ordem acompanhava o caso e esperava agilidade na apuração e punição exemplar para os grupos envolvidos.[31]

A Assembleia da República de Portugal aprovou por unanimidade um voto de pesar pela morte de Franco, exprimindo "a mais veemente condenação pela violência e pelos crimes políticos e de ódio que aumentam de dia para dia no Brasil". O voto foi anunciado no dia do crime pela líder do Bloco de Esquerda, Catarina Martins, durante o debate quinzenal com o primeiro-ministro, e foi subscrito pelo presidente do Parlamento, Ferro Rodrigues, e pelo deputado André Silva, em texto que destacava a militância política da vereadora em prol de minorias e pela denúncia da violência policial.[32]

A desembargadora Marília Castro Neves, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, apresentou outra versão do crime. Em mensagem escrita no *Facebook*, a magistrada disse que Marielle não era apenas militante, mas que estaria engajada com criminosos, havendo sido eleita pelo



Passeata realizada em Vitória em homenagem a Marielle Franco e Anderson Pedro Gomes.

Comando Vermelho e tendo descumprido pautas de campanha, consequentemente sendo assassinada por não pagar dívidas.[33] A mensagem da desembargadora gerou protestos[34] e Juliano Medeiros, presidente nacional do PSOL, anunciou que exigiria a condenação da magistrada no Conselho Nacional de Justiça.[35][36]

Houve também manifestações nas redes sociais, tendo o *Twitter* como a principal plataforma de discussões. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, houve 567 mil menções ao nome da política. O pico ocorreu cerca de duas horas depois do homicídio, por volta d- 23h50min, com 594 "tuítes" por minuto. A pesquisa apontou que 88 por cento deles foram mensagens de luto e de destaque à trajetória de Marielle, sendo também constatada uma grande suspeita de que o crime foi uma execução e de que foi promovido por policiais militares. Os usuários lembraram que a vereadora, na véspera da sua morte, acusou a Polícia Militar do homicídio de um adolescente e fez críticas à atuação da PM em Acari, bairro da Zona Norte do Rio. Ao mesmo tempo, uma parcela menor de usuários da rede fizeram manifestações contra a esquerda e defenderam medidas de segurança mais duras, criticando também a aproveitamento político do caso pelo PSOL.[37]

A guerra ideológica nas redes sociais levou um escritório de advocacia, o EJS Advogadas, a rastrear o conteúdo calunioso, tendo recebido mais de duas mil denúncias por e-mail até o dia 19 de março. O objetivo anunciado foi o de enviar todos as mensagens, com os seus autores identificados, para uma investigação na Delegacia de Repressão a Crimes de Informática da Polícia Civil ou para uma retratação pública na Justiça. Tarcísio Motta, colega de Marielle na Câmara, disse que era necessário responsabilizar aqueles que estavam propagando discursos de ódio e reproduzindo ou criando notícias falsas que atentavam contra a honra da vereadora.[38] A irmã de Marielle afirmou que os propagadores de informações falsas seriam responsabilizados, pedindo mais respeito à família, à sua dor e à imagem de sua falecida irmã. Nas semanas seguintes, a família moveu uma ação judicial em razão do excesso de mensagens depreciativas. Em resposta, a Justiça determinou a remoção de publicações contendo conteúdo calunioso ou falso sobre Franco no *Facebook* e no *YouTube*. Além disso, exigiu que o *Facebook* prevenisse a publicação de novas postagens ofensivas a Marielle e que informasse se os perfis de Luciano Ayan, Luciano Henrique Ayan e Movimento Brasil Livre patrocinaram as postagens denunciadas.[39][40][41]

Uma outra manifestação foi a do diretor José Padilha, o qual disse que a violência no Rio de Janeiro era um processo recorrente, no qual houve o assassinato silencioso de um número enorme de pessoas nos vinte anos passados. Afirmou também que a polícia era despreparada, corrupta e extremamente violenta, além de que não existia assistência social em comunidades

carentes, configurando a conjugação de fatores que levou ao reconhecido número de mortes. Padilha citou a guerra ideológica corrente, que levava as pessoas a aderirem a seu próprio viés cognitivo, em vez de atentarem-se para problemas mais palpáveis e gerais. Ainda conforme o cineasta, a condição atual não podia ser creditada apenas à pobreza, visto que, como afirmou, haveria países mais pobres que o Brasil com índices de violência menores, e que a polícia do Rio de Janeiro mataria quarenta vezes mais que a polícia dos Estados Unidos como um todo. Concluiu lembrando que o problema só recebia progressiva atenção midiática, trazendo à tona a situação subjacente, quando acontecia um caso grave, a exemplo da morte da vereadora, as chacinas da Candelária e de Vigário Geral.[42]

Em 13 de abril, trinta dias após o crime, a Anistia Internacional divulgou um comunicado, cobrando das autoridades brasileiras mais agilidade na condução das investigações, que até ali não tinham apontado nenhum suspeito. A entidade pediu prioridade no caso, pois, no entender desta, a cada dia em que o crime permanece sem resposta, aumentam as ameaças contra os defensores dos direitos humanos no Brasil. Dessa forma, o texto do comunicado reivindicou "uma investigação imediata, completa, imparcial e independente, que não apenas identifique os atiradores, mas também os autores intelectuais do crime". Renata Neder, coordenadora de pesquisa da Anistia Internacional, disse que os estados federal e fluminense deviam uma resposta à altura da gravidade do assassinato.[43]

Ver também

- Caso Queiroz

Referências

1. Jacqueline Saraiva (15 de março de 2018). «Morte de vereadora e motorista no Rio: o que se sabe até agora» (http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/15/interna_politica,666341/morte-de-vereadora-e-motorista-no-rio-o-que-se-sabe-ate-agora.shtml). Correio Braziliense. Consultado em 16 de março de 2018
2. Daniela Amorim, Fábio Grellet e Luiz Fernando Toledo; Cleusa Duarte, Leonardo Augusto e Monica Bernardes (15 de março de 2018). «*Manifestantes vão às ruas do País após morte de Marielle e Anderson*» (http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,manifestantes-vao-as-ruas-do-pais-apos-morte-de-marielle-e-anderson,70002228643). *Estadão - Brasil*. Consultado em 16 de março de 2018. Cópia arquivada em 16 de março de 2018 (http://archive.is/ntPIY)
3. «Assassinato de Marielle Franco: o que se sabe sobre o crime» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/assassinato-da-vereadora-marielle-o-que-se-sabe-sobre-o-crime.ghtml). G1. 15 de março de 2018. Consultado em 16 de março de 2018
4. «Qual arma foi usada? Quem está investigando? O que se sabe sobre a morte de Marielle» (https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/03/15/o-que-a-policia-do-rio-sabe-e-investiga-sobre-a-morte-da-vereadora-marielle-franco-psol.htm). UOL. 15 de março de 2018. Consultado em 16 de março de 2018
5. «Lote de munição que matou Marielle foi usado pelo tráfico em São Gonçalo» (https://oglobo.globo.com/rio/lote-de-municao-que-matou-marielle-foi-usado-pelo-trafico-em-sao-goncalo-22499596). *O Globo*. 16 de março de 2018. Consultado em 19 de março de 2018

6. «Veja tudo o que já se sabe sobre o assassinato da Vereadora Marielle» (https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/veja-tudo-o-que-ja-se-sabe-sobre-o-assassinato-da-vereadora-marielle.shtml). Folha de S.Paulo. 16 de março de 2018. Consultado em 16 de março de 2018
7. César Galvão (16 de março de 2018). «Munição que matou Marielle é do mesmo lote usado em chacina na Grande SP em 2015» (https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/municao-que-matou-marielle-e-do-mesmo-lote-usado-em-chacina-na-grande-sp-em-2015.ghtml). G1. Consultado em 16 de março de 2018
8. «Jungmann: PF tem mais de 50 inquéritos sobre lote desviado de balas que teriam matado Marielle - Notícias - Cotidiano» (https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/03/16/municao-da-pf-sob-investigacao-no-caso-marielle-foi-roubada-na-paraiba-diz-jungmann.htm). *Cotidiano*
9. «Munição usada na morte de Marielle Franco foi roubada na sede dos Correios na Paraíba, diz Jungmann» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/municao-usada-na-morte-de-marielle-franco-foi-roubada-na-sede-dos-correios-na-paraiba-diz-jungmann.ghtml). *G1*
10. «Munição foi roubada 'há vários anos' da PF, afirma Jungmann - Brasil - Estadão» (http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,municao-foi-roubada-ha-varios-anos-da-pf-afirma-jungmann,70002230635). *Estadão*
11. Daniela Ayres e Marlan Kling (19 de março de 2018). «Carro suspeito de ter sido usado no assassinato de Marielle Franco é apreendido em MG» (https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/carro-suspeito-de-ter-sido-usado-em-crime-contra-vereadora-do-rj-e-encontrado-em-mg.ghtml). G1. Consultado em 19 de março de 2018
12. «Testemunhas do assassinato de Marielle dão detalhes sobre o crime e dizem que PMs as expulsaram do local» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/testemunhas-do-assassinato-de-marielle-dao-detalhes-sobre-o-crime-e-dizem-que-pms-as-expulsaram-do-local.ghtml). G1. 1º de abril de 2018. Consultado em 1º de abril de 2018
13. «Polícia encontra digitais de assassino da vereadora Marielle Franco» (https://oglobo.globo.com/rio/policia-encontra-digitais-de-assassino-da-vereadora-marielle-franco-22576985). 10 de abril de 2018. Consultado em 10 de abril de 2018
14. «Exclusivo: Domingo Espetacular traz novas informações sobre a morte de Marielle Franco» (http://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/videos/exclusivo-domingo-espetacular-traz-novas-informacoes-sobre-a-morte-de-marielle-franco-14092018). R7.COM. 6 de maio de 2018. Consultado em 14 de novembro de 2018
15. «Marielle foi morta por submetralhadora, e não pistola, mostra reportagem da Record» (https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,marielle-foi-morta-por-submetralhadora-e-nao-pistola-mostra-reportagem-da-record,70002297810). O Estado de S. Paulo. 7 de maio de 2018. Consultado em 14 de novembro de 2018
16. «Caso Marielle: testemunha envolve vereador e miliciano em assassinato, informa O Globo» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/caso-marielle-testemunha-envolve-vereador-e-miliciano-em-assassinato-informa-o-globo.ghtml). G1. 8 de maio de 2018. Consultado em 8 de maio de 2018
17. Henrique Coelho (12 de maio de 2018). «Reconstituição da morte de Marielle leva a polícia a concluir que apenas uma rajada foi disparada contra carro» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/caso-marielle-reconstituicao-do-crime-leva-policia-a-concluir-que-apenas-uma-rajada-de-tiros-foi-disparada-contra-carro.ghtml). G1. Consultado em 12 de maio de 2018
18. «MP diz que foi identificado tipo físico do assassino de Marielle Franco» (https://extra.globo.com/casos-de-policia/mp-diz-que-foi-identificado-tipo-fisico-do-assassino-de-marielle-franco-23148309.html). Extra. 11 de outubro de 2018. Consultado em 18 de outubro de 2018
19. Carlos Brito e Larissa Schmidt (3 de julho de 2019). «Polícia do RJ pede ajuda à Marinha para buscar no mar a arma do atentado contra Marielle» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/07/03/policia-do-rj-pede-sonar-a-marinha-para-buscar-no-mar-a-arma-do-atentado-contra-marielle.ghtml). G1. Consultado em 3 de julho de 2019

20. «Preso suspeito de envolvimento no assassinato de Marielle Franco» (https://oglobo.globo.com/rio/preso-suspeito-de-envolvimento-no-assassinato-de-marielle-franco-22732381). O Globo. 30 de maio de 2018. Consultado em 31 de maio de 2018
21. «Delator de duplo homicídio citou relação de presos com caso Marielle, diz delegado» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/07/24/testemunha-que-delatou-presos-citou-relacao-com-caso-marielle-diz-delegado.ghtml). G1. 24 de julho de 2018. Consultado em 24 de julho de 2018
22. Bette Lucchese e Murilo Salviano (13 de dezembro de 2018). «Polícia cumpre primeiros mandados de prisão contra suspeitos de envolvimento na morte de Marielle Franco» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/12/13/policia-cumpre-mandados-se-prisao-e-busca-do-caso-marielle.ghtml). G1. Consultado em 13 de dezembro de 2018
23. Ana Carolina Torres e Rafael Soares (19 de janeiro de 2019). «Major preso por suspeita de envolvimento na morte de Marielle Franco será julgado por chacina na Baixada» (https://extra.globo.com/casos-de-policia/major-preso-por-suspeita-de-envolvimento-na-morte-de-marielle-franco-sera-julgado-por-chacina-na-baixada-23391340.html). Exame. Consultado em 19 de janeiro de 2019
24. « "PM e ex-PM são presos por suspeita de executar Marielle Franco" » (https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/pm-e-ex-pm-sao-presos-por-suspeita-de-executar-marielle-franco-288ur7xq62727xe2jlqzx9c4d/). Gazeta do Povo. 12 de março de 2019. Consultado em 12 de março de 2019
25. Elenilce Bottari (31 de maio de 2019). «Presos dois investigados pela clonagem do carro usado para matar Marielle Franco» (https://oglobo.globo.com/rio/presos-dois-investigados-pela-clonagem-do-carro-usado-para-matar-marielle-franco-23708813). O Globo. Consultado em 3 de junho de 2019
26. Marcella Fernandes (16 de março de 2018). «Ataque à democracia: O impacto do assassinato da vereadora Marielle» (https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/16/ataque-a-democracia-o-impacto-do-assassinato-da-vereadora-marielle_a_23387067/). HuffPost Brasil. Consultado em 16 de março de 2018
27. «*De treze pré-candidatos, só Bolsonaro ignorou a morte de Marielle*» (https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/de-treze-pre-candidatos-so-bolsonaro-ignorou-morte-de-marielle/). *Blog Maquiavel*. 15 de março de 2018. Consultado em 16 de março de 2018. Cópia arquivada em 16 de março de 2018 (http://archive.is/nr4fS)
28. «Opinião de Bolsonaro sobre morte de Marielle seria polêmica demais, diz assessor» (https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/opiniao-de-bolsonaro-sobre-morte-de-marielle-seria-polemica-demais-diz-assessor.shtml). Folha de S. Paulo. 15 de março de 2018. Consultado em 17 de março de 2018
29. Taves, Rodrigo (20 de março de 2018). «Bolsonaro critica imprensa e se recusa novamente a comentar morte de Marielle» (https://oglobo.globo.com/rio/bolsonaro-critica-imprensa-se-recusa-novamente-comentar-morte-de-marielle-22509418). *O Globo*. Consultado em 21 de março de 2018
30. « 'Assassinatos de líderes políticos são um atentado à democracia', diz Raquel Dodge sobre morte da vereadora Marielle Franco» (https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/dodge-acompanha-investigacoes-da-morte-de-marielle-ela-dava-voz-a-comunidade.ghtml). G1. 16 de março de 2018. Consultado em 16 de março de 2018
31. Julia Affonso e Fausto Macedo (15 de março de 2018). «Assassinato de Marielle 'é um crime contra toda a sociedade', diz presidente da OAB» (http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/assassinato-de-marielle-e-um-crime-contra-toda-a-sociedade-diz-presidente-da-oab/). Estadão. Consultado em 16 de março de 2018
32. Agência Lusa (16 de março de 2018). «Parlamento português condena morte Marielle Franco e faz minuto de silêncio» (http://expresso.sapo.pt/sociedade/2018-03-16-Parlamento-portugues-condena-morte-Marielle-Franco-e-faz-minuto-de-silencio). *Expresso*. Consultado em 16 de março de 2018

33. «Desembargadora diz que Marielle 'estava engajada com bandidos' » (https://veja.abril.com.br/brasil/desembargadora-diz-que-marielle-estava-engajada-com-bandidos/). Veja. 16 de março de 2018. Consultado em 16 de março de 2018
34. «Desembargadora afirma que Marielle estava engajada com bandidos» (http://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/desembargadora-afirma-que-marielle-estava-engajada-com-bandidos-ammbblvvsu1sxb3vrxjrro4co). *Gazeta do Povo*
35. «PSOL ingressa no CNJ contra desembargadora que acusou Marielle Franco - Revista Fórum» (https://www.revistaforum.com.br/psol-ingressa-no-cnj-contra-desembargadora-que-acusou-marielle-franco/). *Revista Fórum*. 17 de março de 2018
36. «PSOL vai ao CNJ contra desembargadora que acusou Marielle de 'engajamento' com bandidos» (https://oglobo.globo.com/rio/psol-vai-ao-cnj-contra-desembargadora-que-acusou-marielle-de-engajamento-com-bandidos-22500604). *O Globo*. 17 de março de 2018
37. «Morte de Marielle mobilizou 567 mil tuítes; 7% deles criticaram a esquerda» (https://www.vice.com/pt_br/article/mbxqwp/morte-de-marielle-mobilizou-567-mil-tuites-7-foram-criticas-a-esquerda). Vice Chanells. 16 de março de 2018. Consultado em 17 de março de 2018
38. Henrique Coelho (19 de março de 2018). «Advogadas fazem força-tarefa contra posts falsos sobre Marielle na web» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/advogadas-fazem-forca-tarefa-contra-posts-falsos-sobre-marielle-na-web.ghtml). G1. Consultado em 19 de março de 2018
39. «Justiça determina que YouTube retire do ar 16 vídeos com ofensas a Marielle Franco» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/justica-determina-que-youtube-retire-do-ar-16-videos-com-ofensas-a-marielle-franco.ghtml). G1. 22 de março de 2018. Consultado em 28 de março de 2018
40. «Juiz dá 24 horas para Facebook retirar posts com informações falsas sobre Marielle» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/justica-do-rio-determina-que-facebook-retire-publicacoes-com-informacoes-falsas-sobre-marielle-em-24-horas.ghtml). G1. 22 de março de 2018. Consultado em 28 de março de 2018
41. «Irmã de Marielle afirma que tomará providências contra difamações e calúnias sobre a vereadora» (https://extra.globo.com/casos-de-policia/irma-de-marielle-afirma-que-tomara-providencias-contra-difamacoes-calunias-sobre-vereadora-22500733.html). *Extra Online*
42. Cauê Muraro (19 de março de 2018). «José Padilha lança filme, diz que corrupção é 'estruturante' e que assassinato de Marielle é 'tragédia que vai continuar' » (https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/jose-padilha-lanca-7-dias-em-entebbe-durante-evento-em-sao-paulo.ghtml). G1. Consultado em 19 de março de 2018
43. «Assassinato de Marielle Franco completa 30 dias sem que polícia aponte culpado» (https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/assassinato-de-marielle-franco-completa-30-dias-sem-que-policia-aponte-culpado.ghtml). G1. 13 de abril de 2018. Consultado em 13 de abril de 2018

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Assassinato_de_Marielle_Franco&oldid=55640780"

Esta página foi editada pela última vez às 18h07min de 3 de julho de 2019.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.

RIO DE JANEIRO

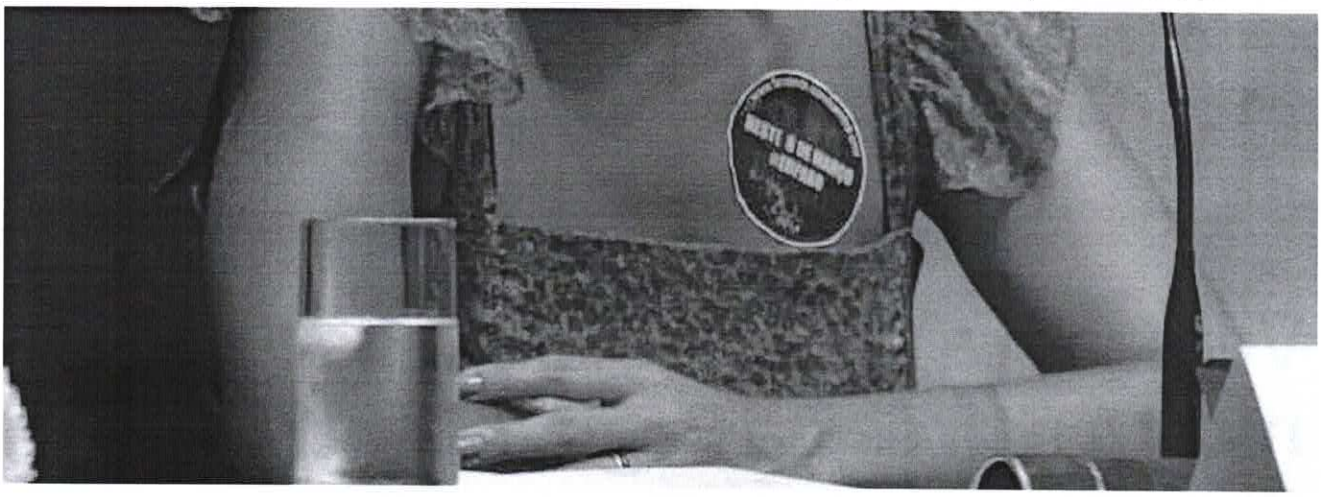
Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio

Principal linha de investigação é execução. Marielle foi assassinada no bairro do Estácio, na Região Central, quando voltava de um evento na Lapa.

Por João Ricardo Gonçalves, Leslie Leitão, Marina Araújo e Patricia Teixeira , G1 Rio e TV Globo

14/03/2018 22h06 · Atualizado há um ano

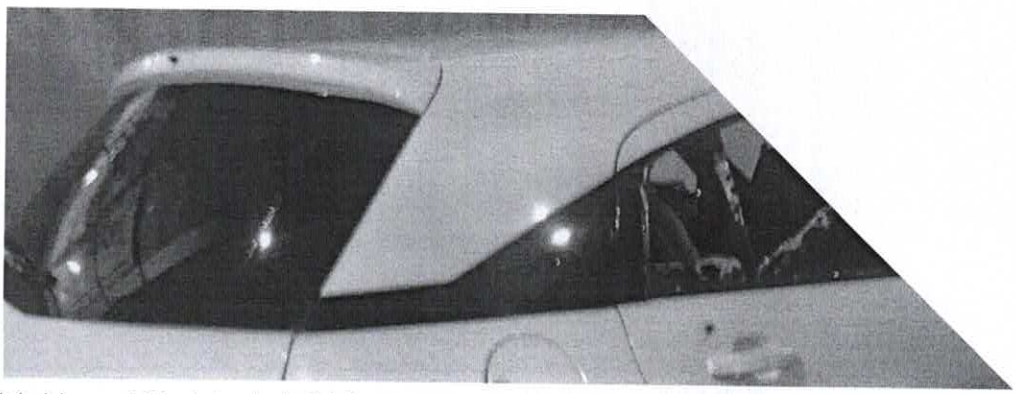




Marielle Franco, do PSOL, foi a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro — Foto: Reprodução/Facebook

A vereadora **Marielle Franco** foi morta a tiros dentro de um carro na Rua Joaquim Palhares, no bairro do Estácio, na Região Central do Rio, por volta das 21h30 desta quarta-feira (14). Além da vereadora, o motorista do veículo, Anderson Pedro Gomes, também foi baleado e morreu. Uma outra passageira, assessora de Marielle, foi atingida por estilhaços. A principal linha de investigação da Delegacia de Homicídios é execução.

Segundo as primeiras informações da polícia, bandidos em um carro emparelharam ao lado do veículo onde estava a vereadora e dispararam. Marielle foi atingida com pelo menos quatro tiros na cabeça. A perícia encontrou nove cápsulas de tiros no local. Os criminosos fugiram sem levar nada.





Carro em que Marielle Franco estava quando foi baleada, no Rio — Foto: Divulgação

A passageira atingida pelos estilhaços foi levada para o Hospital Souza Aguiar e liberada. Em seguida, ela foi levada para prestar depoimento na DH, que terminou por volta de 4h desta quinta. A polícia não deu detalhes do depoimento.

Marielle havia participado no início da noite de um evento chamado "Jovens Negras Movendo as Estruturas", na Rua dos Inválidos, na Lapa.

No momento do crime, a vereadora estava no banco de trás do carro, no lado do carona. Como o veículo tem filme escuro nos vidros, a polícia trabalha com a hipótese de os criminosos terem acompanhado o grupo por algum tempo, tendo conhecimento da posição exata das pessoas. O motorista foi atingido por pelo menos 3 tiros na lateral das costas.

A polícia buscará imagens de câmeras da região para determinar o trajeto do carro e desde onde ele passou a ser seguido. O local exato do crime fica quase em frente a um posto do Detran, que na hora estava fechado. Do outro lado da rua há uma concessionária que também estava fechada.

Em nota, o Secretário de Estado de Segurança, Richard Nunes, disse que determinou ampla investigação e que a acompanha junto com o chefe de Polícia Civil, Rivaldo Barbosa, o andamento do caso.

O deputado estadual do PSOL Marcelo Freixo disse que o crime é "inadmissível". "A gente vai cobrar com rigor, todas as características são de execução. Evidente que vamos aguardar todas as conclusões da polícia, cabe à polícia fazer a investigação, mas a gente, evidentemente, não vai nesse momento aliviar isso. As características são muito nítidas de execução, queremos isso apurado de qualquer maneira, o mais rápido possível", afirmou ele. Freixo disse que a vereadora nunca tinha sofrido nenhuma ameaça.

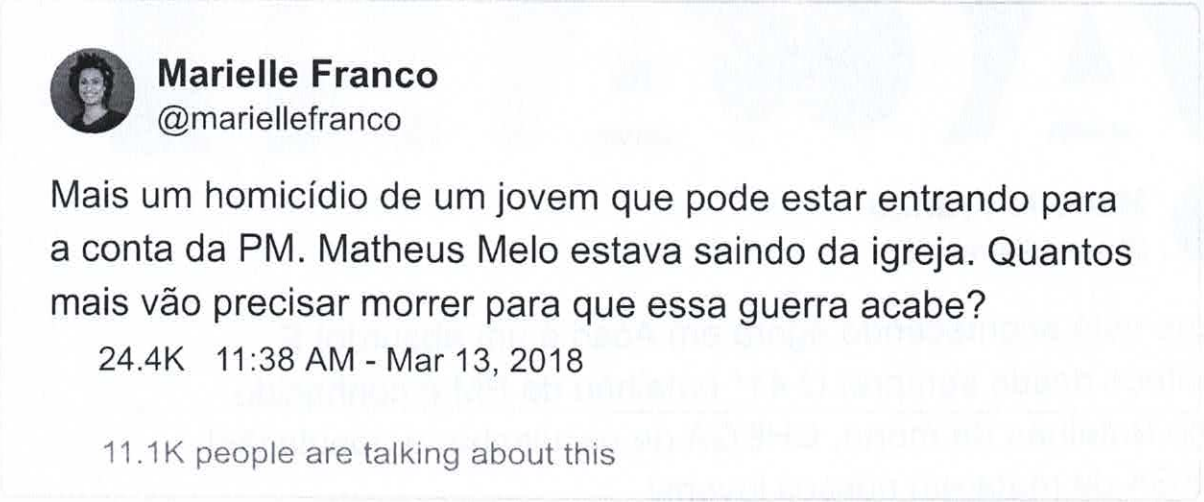
O corpo de Marielle será velado na Câmara dos Vereadores a partir das 11h desta quinta-feira (15).

Marielle Franco, vereadora do PSOL, é morta a tiros no Rio

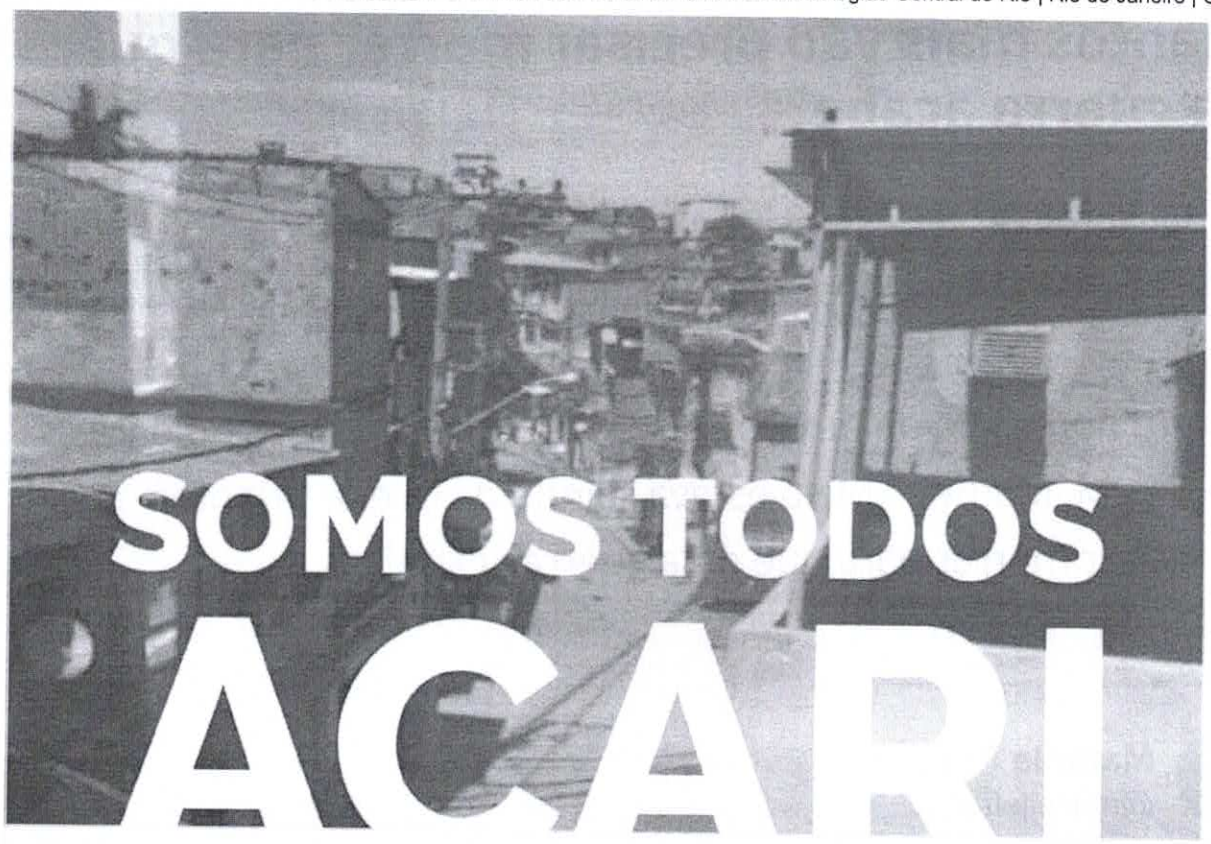
"Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?"

Uma dia antes de ser assassinada, Marielle reclamou da violência na cidade, no Twitter. No post, ela questionou a ação da Polícia Militar.

"Mais um homicídio de um jovem que pode estar entrando para a conta da PM. Matheus Melo estava saindo da igreja. Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?"



Na mesma rede social, Marielle chamou o 41° BPM de "Batalhão da morte", no sábado (10). "O que está acontecendo agora em Acari é um absurdo! E acontece desde sempre! O 41° batalhão da PM é conhecido como Batalhão da morte. CHEGA de esculachar a população! CHEGA de matarem nossos jovens", escreveu ela.



Marielle Franco
@mariellefranco

O que está acontecendo agora em Acari é um absurdo! E acontece desde sempre! O 41° batalhão da PM é conhecido como Batalhão da morte. CHEGA de esculachar a população! CHEGA de matarem nossos jovens!

5,129 6:37 PM - Mar 10, 2018

3,297 people are talking about this

Autoridades, políticos, partidos e entidades lamentam morte

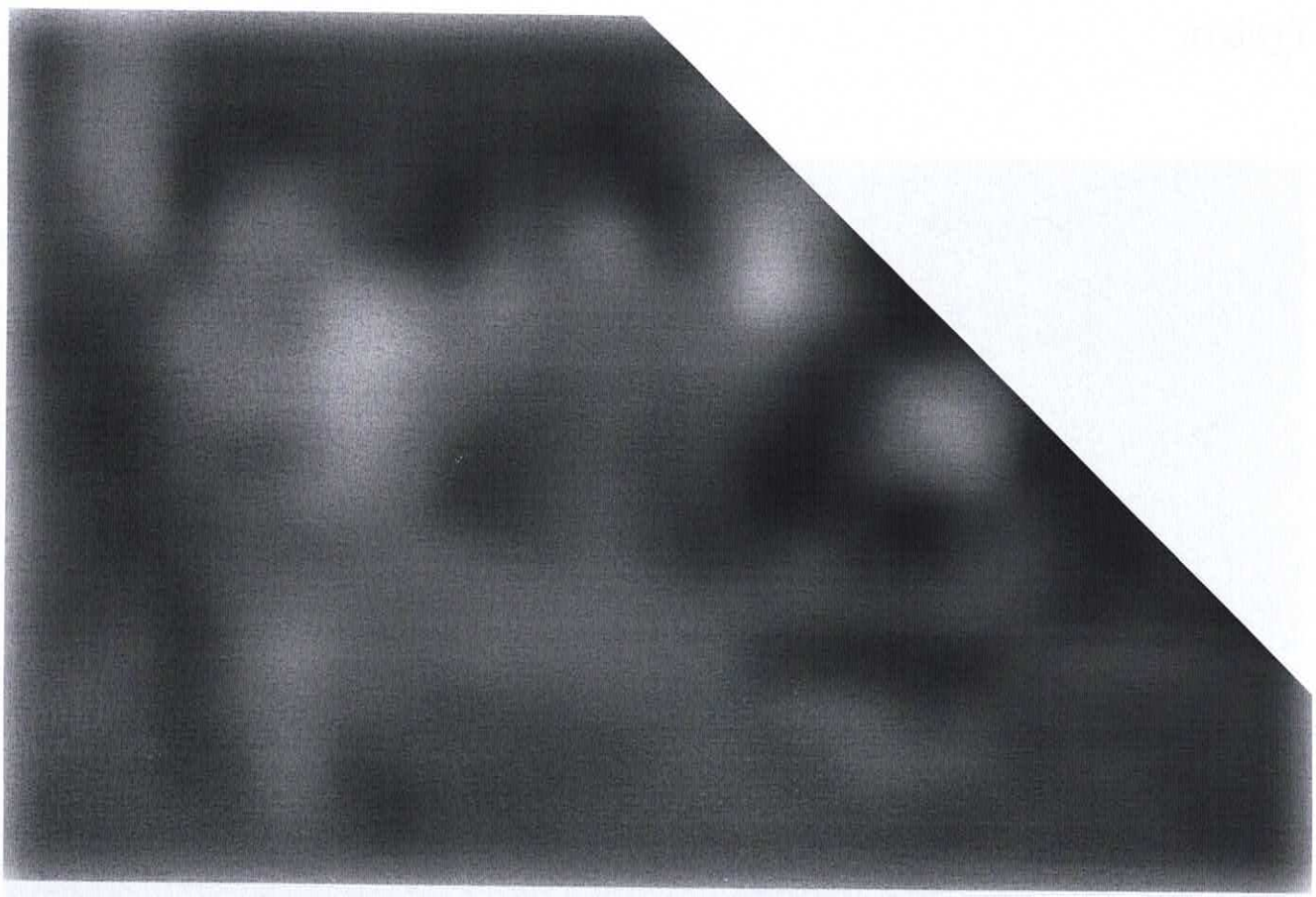
Autoridades e **parlamentares de diferentes vertentes políticas do Rio divulgaram notas** de pesar pela morte da vereadora do PSOL. O ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann, disse que falou com o interventor federal no estado e colocou a Polícia Federal à disposição para auxiliar em toda a investigação. O **prefeito do Rio, Marcelo**

Crivella, e os governos estadual e federal também se pronunciaram.

Crivella lamentou o "brutal assassinato" e lembrou a "honradez, bravura e espírito público" da vereadora. "É assim que hoje anoitece a cidade desolada e amargurada pela perda de sua filha inesquecível e inigualável. Que Deus a tenha!", disse o prefeito.

O governador Pezão ressaltou a luta de Marielle contra as desigualdades e violência: "Acompanho, com as forças federais e integradas de Segurança, a apuração dos fatos para a punição dos autores desse crime hediondo que tanto nos entristece", afirmou.

Em nota, o governo federal informou que vai acompanhar toda a apuração do assassinato da vereadora e do motorista.

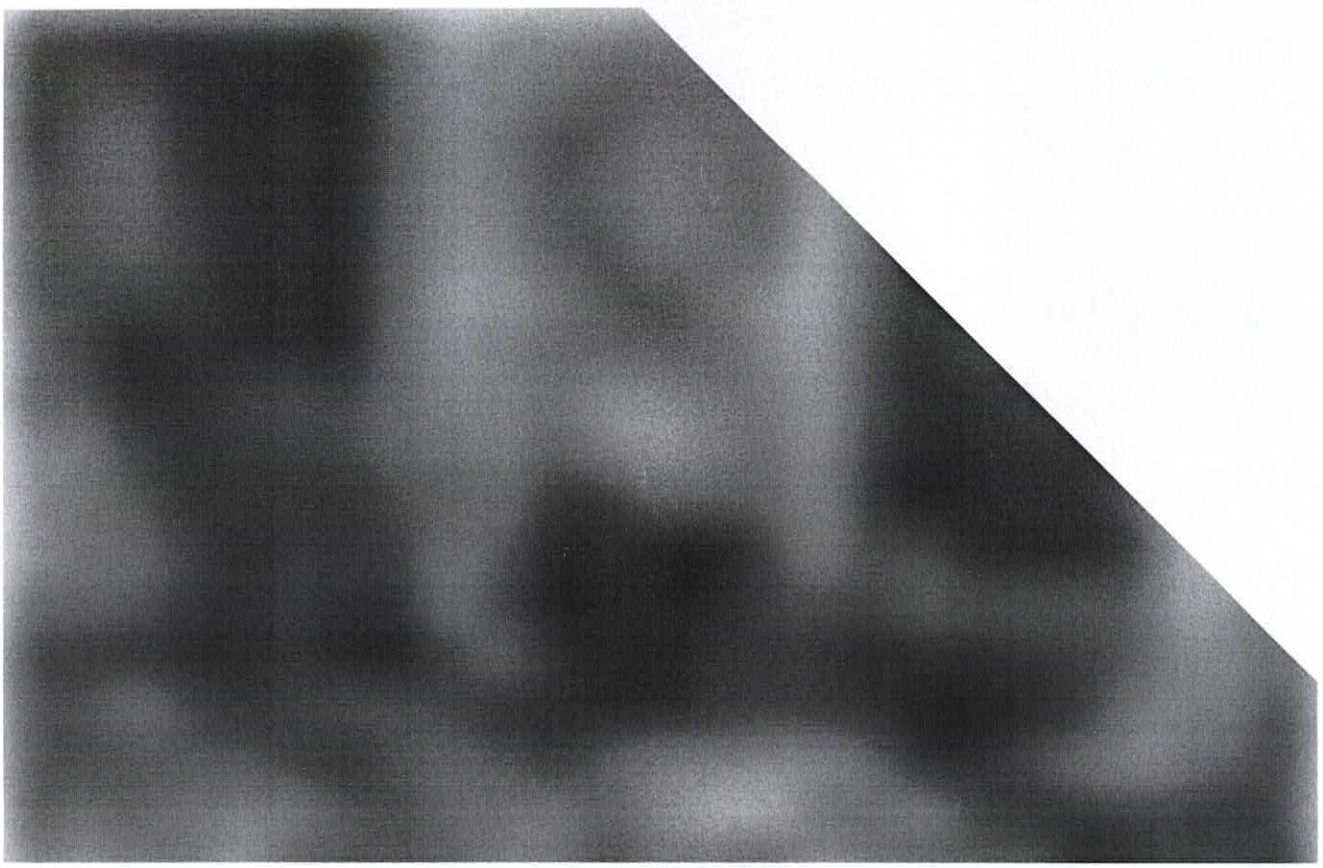


Pessoas se reúnem perto do local onde Marielle Franco foi morta, no Rio — Foto: Uanderson Fernandes/Agência O Globo

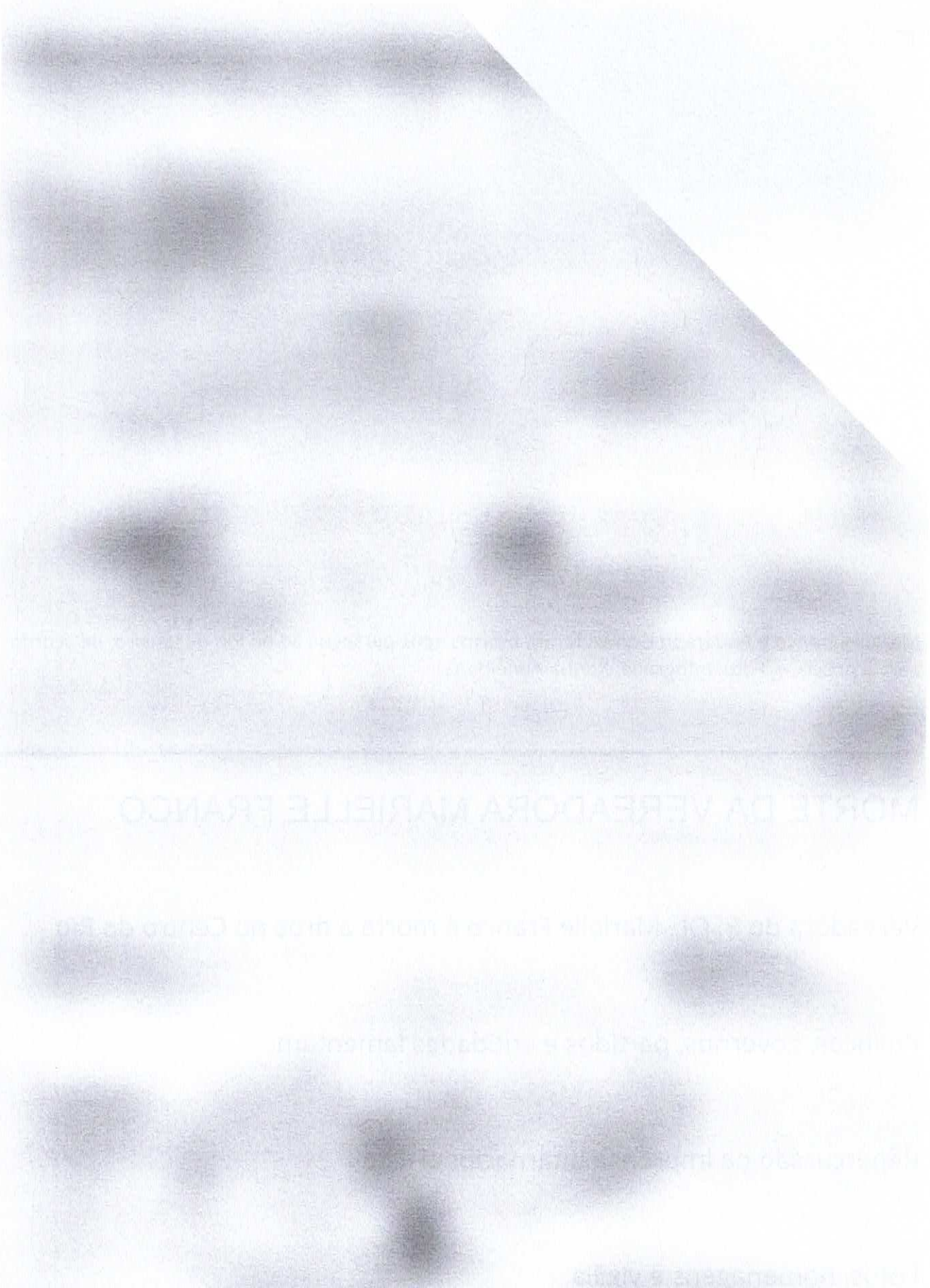
Trajetória de Marielle Franco

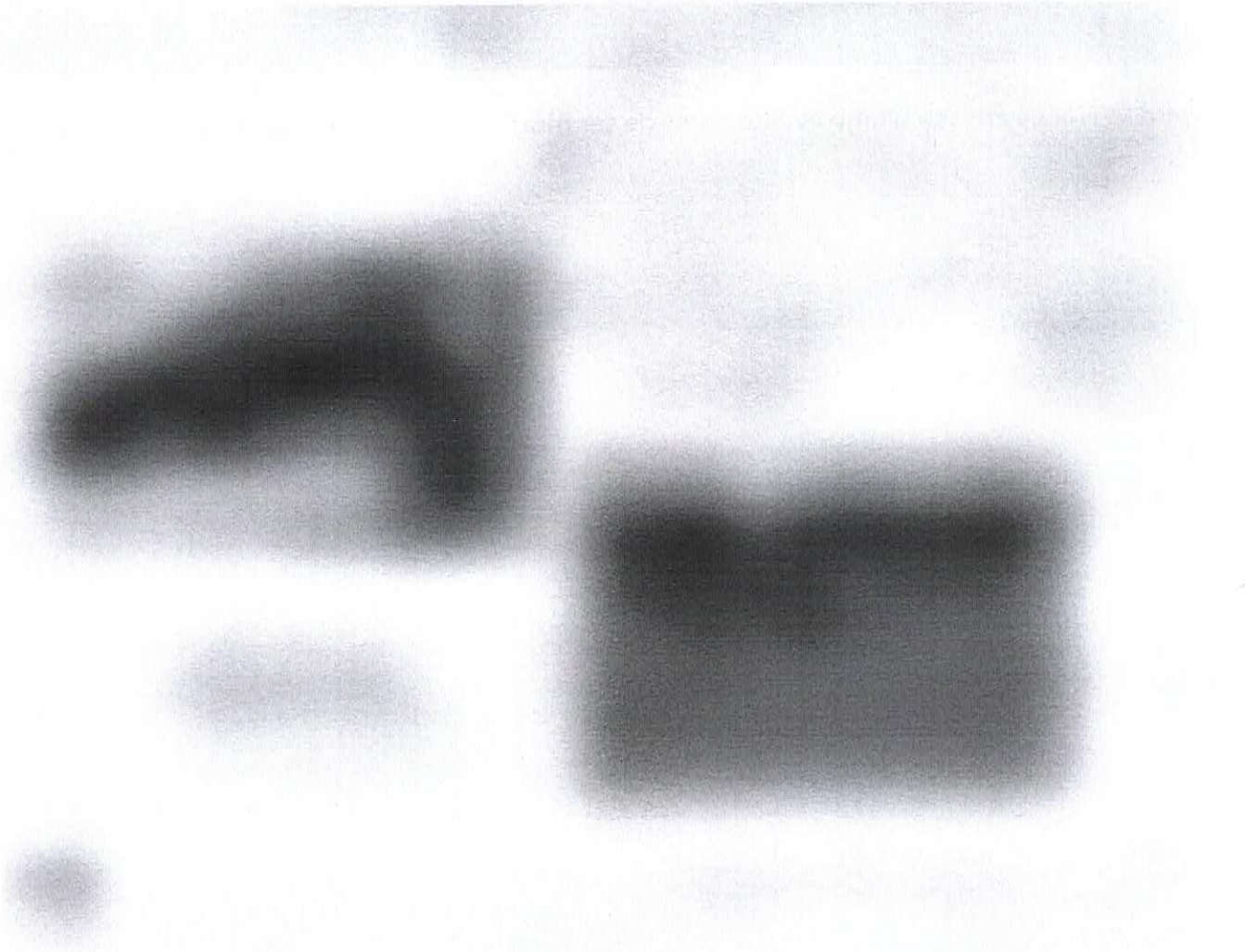
Marielle tinha 38 anos e se apresentava como "cria da Maré". Ela foi a quinta vereadora mais votada do Rio nas eleições de 2016, com 46.502 votos em sua primeira disputa eleitoral.

Socióloga formada pela PUC-Rio e mestra em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF), teve dissertação de mestrado com o tema "UPP: a redução da favela a três letras". Trabalhou em organizações da sociedade civil como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), ao lado de Marcelo Freixo.



Marielle Franco em seu último evento antes de ser morta, no Rio — Foto: Reprodução/YouTube





Marielle Franco e Anderson Gomes foram mortos após perseguição no Rio de Janeiro, de acordo com a polícia — Foto: Infografia: Karina Almeida/G1

MORTE DA VEREADORA MARIELLE FRANCO

Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros no Centro do Rio

Políticos, governos, partidos e entidades lamentam

Repercussão na imprensa internacional

Fotos: homenagens e vigília

'Mataram minha mãe e mais 46 mil eleitores', diz filha de Marielle

'Quantos mais precisarão morrer?', postou vereadora um dia antes de morrer

Testemunha envolve vereador e miliciano no assassinato

Vereador chama denúncia de 'factoide'

Verador, miliciano, PM e ex-PM são investigados

Marielle foi morta porque lutava contra grilagem, diz Richard Nunes

O que se sabe sobre as mortes

MARCELO FREIXO MARIELLE FRANCO PSOL RIO DE JANEIRO

Veja também



23 de jun de 2019 às 21:27

Próximo >

Mais do **G1**

Reforma das aposentadorias

Tempo de contribuição, idade mínima: entenda o texto da Previdência que irá a plenário

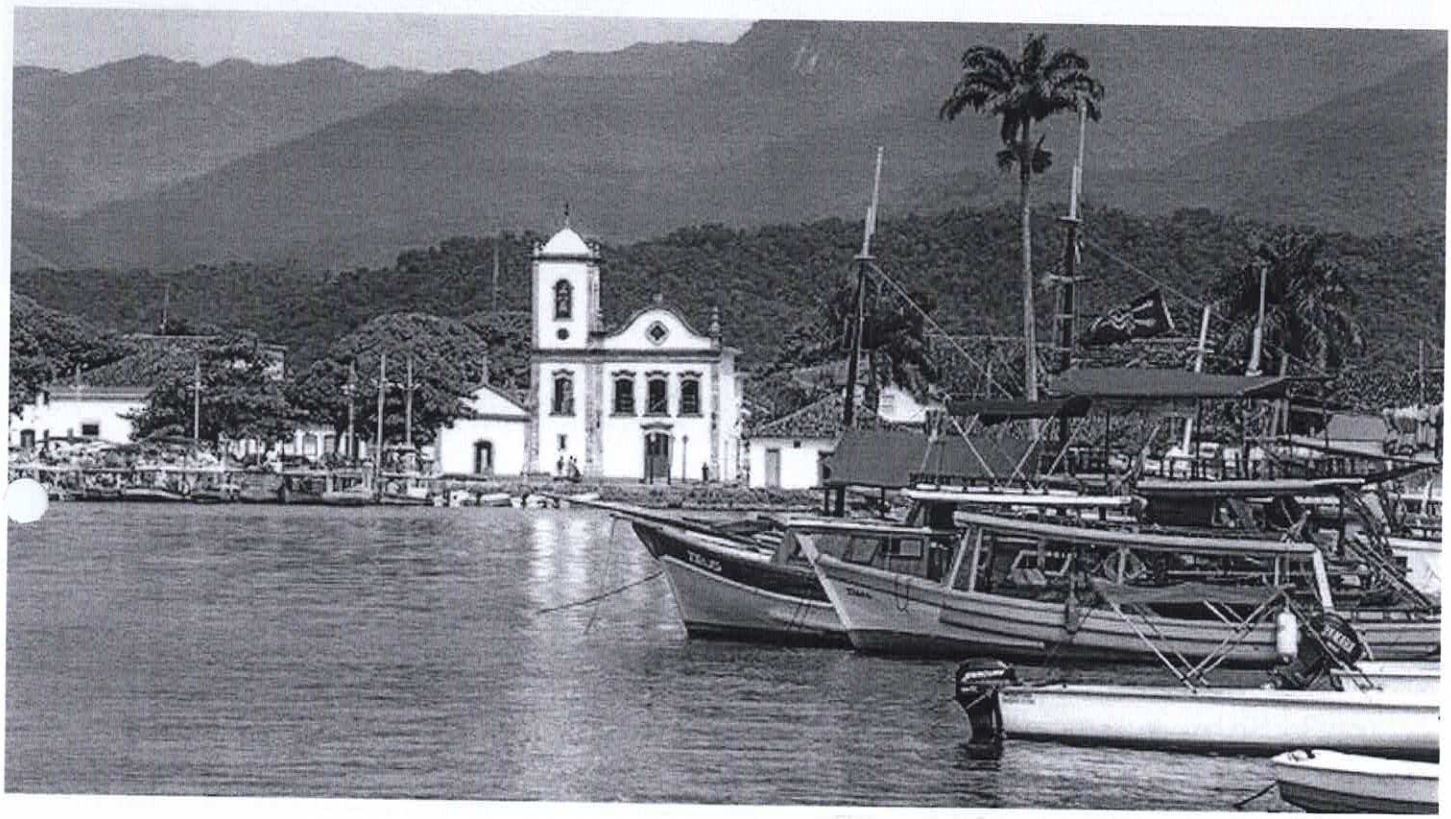
Há 4 horas —Em Economia

Calculadora: como fica sua aposentadoria pelo texto aprovado na comissão

Há 4 horas

Cultura e natureza

Paraty e Ilha Grande se tornam Patrimônio Mundial da Unesco



Há 5 horas —Em Sul do Rio e Costa Verde

Ouro Preto e Olinda também estão na lista; veja

Há 5 horas

Mulheres na liderança

Mulher que vira chefe tem que estender a mão às outras, diz diretora do Banco Central

Carolina de Assis Barros é 3ª mulher diretora em mais de 50 anos do banco.



Há 6 horas —Em Concursos e Emprego

Marinha detecta 9 objetos no mar da Barra onde arma que matou Marielle pode ter sido descartada

Mergulhadores farão novas buscas no fundo do mar, perto das Ilhas Tijucas, onde homem ligado a Ronnie Lessa teria jogado caixas com fuzis e outras armas.

3 min

Em Rio de Janeiro

'Parem de atirar, somos músicos', relembra cantora sobre ação policial que matou dançarina na BA; sanfoneiro segue internado

Cinco pessoas estavam em um carro quando o veículo foi atingido por disparos efetuados pelos policiais em Irecê. Jovem de 25 anos morreu e vocalista, Joelma Rios, falou sobre o caso.



Em Bahia

Bolsonaro diz que 'algumas questões' da Previdência serão 'corrigidas' no plenário

Ao comentar aprovação do parecer na comissão especial, presidente afirmou que governo fez sua parte, mas não é 'infalível'. Câmara pode analisar PEC em primeiro turno na próxima semana.

42 seg

Em Política

VEJA MAIS

últimas notícias

© Copyright 2000-2019 Globo Comunicação e Participações S.A.